

ABRAÇANDO A DIVERSIDADE

Fernanda Lopes Braga – UERJ – fernandalopesbraga@gmail.com

Eduardo Gomes Neto – UERJ – edunetobtos@gmail.com

Nilda da Silva Nogueira– UERJ – nildanog83@gmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva relatar as vivências do “Projeto Abraçar a Diversidade”, no ano 2022, em um Grupo de Referência de Educação Infantil de crianças com 4 e 5 anos em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) no município de Niterói - RJ, Brasil, para realizar a implementação da Lei Federal n.º 10.639/03 (Brasil, 2003), que inclui nos currículos oficiais das redes de educação a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Buscamos resgatar a memória histórica e práticas socioculturais negras. Visto isso, realizamos um trabalho para uma educação antirracista. As práticas pedagógicas sobre as relações étnico-raciais são fundamentais para promoção de uma Educação Infantil socialmente referenciada. No cotidiano escolar da Educação Infantil é imprescindível a inserção de práticas que permitam ações enriquecedoras e antirracistas. A partir das práticas realizadas estamos dialogando com o cumprimento da Lei 10.639/2003 (Brasil), ressaltamos a relevância da formação continuada de professores, com foco na educação antirracista, objetivando a superação do preconceito, da discriminação e das desigualdades raciais.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Educação antirracista. Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva relatar as vivências do “Projeto Abraçar a Diversidade”, no ano 2022, em um Grupo de Referência de Educação Infantil de crianças com 4 e 5 anos em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) no município de Niterói - RJ, Brasil, para realizar a implementação da Lei Federal n.º 10.639/03, que inclui nos

currículos oficiais das redes de educação a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Buscamos resgatar a memória histórica e práticas socioculturais negras. Visto isso, realizamos um trabalho para uma educação antirracista. É necessário enfatizar que a UMEI implementou formações continuadas para os professores acerca da temática relações étnico-raciais. Ana Paula afirma que "A construção de práticas antirracistas tem de passar pela desnaturalização de algumas práticas escolares que alguns educadores cometem e nem sabem estar se portando como racistas" (Martinhago, 2021, p. 89).

A UMEI investiu na aquisição de materiais pedagógicos para incentivar discussões sobre questões raciais. Percebemos, após um levantamento com as crianças, que a maioria não tem acesso às brincadeiras e brinquedos populares, sendo necessário mostrar que o divertimento vai além dos jogos e brinquedos eletrônicos.

As práticas pedagógicas descritas nesse trabalho objetivam a inserção de uma Literatura Infantil que contemple em seu enredo a representatividade negra, a valorização das Culturas Africanas e Afro-Brasileiras, a fim de possibilitar as crianças a vivência de sua própria história. Valorizar a identidade de diferentes povos e assim proteger desde cedo as crianças vítimas do racismo.

2. DESENVOLVIMENTO

As práticas pedagógicas sobre as relações étnico-raciais são fundamentais para promoção de uma Educação Infantil socialmente referenciada. No cotidiano escolar da Educação Infantil é imprescindível a inserção de práticas que permitam ações enriquecedoras e antirracistas, visto isso, devemos considerar que “a educação como prática de libertação não tem a ver somente com um conhecimento libertador, mas também com uma prática libertadora em sala de aula” (Hooks, 2013, p.197).

Visto isso, criamos a *Oficina de Bonecos de Pano*, em que os bonecos foram confeccionados em cores variadas, conscientizando sobre a igualdade entre as raças. Introduzimos histórias infantis, músicas e danças, retratando a cultura africana e afro-brasileira, e fizemos uma exposição com registros dessa inesquecível vivência.

Realizamos una aula passeio no entorno da escola, ao longo do caminho percorrido recolhemos três tipos de terra diferentes, ao chegarmos na sala, as terras foram transformadas em tintas, em mistura feita com água e cola branca, como resultado tivemos três tons de tinta diferentes. As crianças fizeram lindas pinturas com a cor da tinta feita com terra que mais se assemelhava ao seu tom de pele.

Em outro momento, uma criança disse para uma menina de cabelo afro que seu cabelo era feio, neste momento vale ressaltar a importância de não normalizar falas como esta, devemos pensar a partir das ações vividas, de acordo com Cavalleiro (2023, p, 100) “a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo” quando opta pela omissão e pelo silêncio, naturalizando injúrias raciais. O silêncio, que permite à criança branca ver o diferente como inferior, faz com que a criança negra, internalize valores negativos em relação ao seu corpo e a respeito de si própria, afetando a construção de sua identidade.

Pensando em uma educação antirracista, iniciamos um projeto intitulado “Eu amo meu cabelo” e convidamos uma trançista, profissionais que fazem tranças nos cabelos que representam mais do que uma expressão estética, é herança de uma história de resistência e ancestralidade, para realizar uma oficina de tranças nagô no cabelo das meninas da sala. Ao finalizar o processo dos penteados, propusemos um desenho enriquecido, com colagem, de cabelos malucos utilizando vários materiais para colar e confeccionar os mais diferentes e coloridos tipos de cabelo.

No âmbito das noções e concepções das crianças sobre a cor da pele, e características fenotípicas, Tebet (2017, p. 139) questiona “que imagens de crianças têm sido produzidas ao longo da história?”, e demonstram sentidos e significados construídos em torno da noção de cor, que podem ser ressignificados, por meio de práticas antirracistas no contexto escolar da Educação Infantil. Assim, representações sociais de crianças negras sobre a cor, podem ser utilizadas como recursos pedagógicos, de modo a apreender e vivenciar situações que contribuem para compreensão de si próprio e suas reconstruções enquanto sujeitos.

Fizemos a contação de história do livro o “Amor de Cabelo” do autor Matthew A. Cherry, pensamos no acolhimento a diversidade encontrada em nossa sala, além da apresentação de literatura infantil sobre a negritude e sua representatividade através dos personagens dos livros. A turma da UMEI, ganhou uma boneca negra com cabelos

cacheados para fazer parte do cotidiano, fizemos uma votação de nomes africanos para escolher o nome da nova amiga da sala, o nome vencedor foi Jamila.

Jamila, veio acompanhada com muitos acessórios de cabelo, elásticos, pregadeiras e lacinhos, com isso as crianças terias a oportunidade de criar e recriar penteados na mais nova integrante da turma.

As imagens vistas desde a infância influenciam diretamente nossas vidas, se não for caricata, estereotipada e inferiorizada, levando a "aceitabilidade das diferenças, visando uma vida adulta feliz" (Cavalleiro, 2021, p. 196). A contação de histórias e rodas de conversa na Educação Infantil é um ótimo recurso para iniciar práticas antirracistas, como o livro "O Cabelo de Lelê", da autora Valéria Belém, mostra de onde vêm tantos cachinhos e mostra a beleza da herança africana, após a leitura deste livro percebemos que as meninas da sala estavam se percebendo e vendo representatividade de seus cabelos nas páginas do livro.

De acordo com Freire "O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere" (Freire, p. 54), visto isso, foi proposto a turma que fizesse um autorretrato utilizando matérias com tons de pele, foram distribuídos para a realização da atividade, hidrocor, lápis de cor, giz e cera e tinta com tonalidades de pele.

Após trabalharmos bastante a representatividade e diversidade, fizemos um banco de palavras que representam a nossa turma, as palavras faladas pelas crianças foram: amor, respeito, amizade, Brasil, diversidade, colorido, união, África, força, trança, boneca e diversão, a partir da escrita dessas palavras fizemos um lindo mural.

Outras dinâmicas realizadas foram brincadeiras de origem africana. A primeira brincadeira realizada foi o *passa anel*, a criança que está com o anel passa suas mãos por dentro das mãos das outras pessoas e deixa o objeto nas mãos de um dos participantes, sem que os outros percebam. depois de mostrar as mãos vazias, ela pergunta a alguém com quem está o anel. se a pessoa acertar, vira o passador de anel.

Outra brincadeira realizada na sala foi *terra e mar*, Adaptação de uma brincadeira popular de Moçambique, uma longa reta é riscada no chão. Um lado é a *Terra* e o outro *Mar*, no início todas as crianças podem escolher o lado que querem ficar. Ao ouvirem: mar, todos pulam para o lado do mar, e ao ouvirem terra, devem

pular para o lado da terra. Quem pular para o lado errado ou fizer menção de pular quando não deve pular, sai. O último a permanecer no jogo vence.

Brincamos de *meu querido bebê*, uma adaptação de uma brincadeira infantil da Nigéria, que permite debates em torno do corpo e da corporeidade afro-brasileira. Um jogador é escolhido e sai da sala, enquanto os outros escolhem uma criança para ser o bebê que se deita no chão e os outros jogadores desenham o seu contorno. O bebê se junta aos outros jogadores e o jogador que saiu volta e tenta descobrir quem foi o bebê, baseado no contorno desenhado.

Levamos também um instrutor de Capoeira, uma dança, imbricada no jogo, expressa-se no gingado em que o corpo todo se embala ao som de berimbaus, pandeiros, atabaque, cantos e palmas, descrevendo círculos no espaço da roda e fazendo com que o sujeito lute dançando e dance lutando, são manifestações marcadas pela ancestralidade africana, embora desenvolvidas em território brasileiro e influenciadas por outros contatos culturais.

A partir dessas práticas estamos dialogando com o cumprimento da Lei 10.639/2003, ressaltamos a relevância da formação continuada de professores, com foco na educação antirracista, objetivando a superação do preconceito, da discriminação e das desigualdades raciais, essa Lei surgiu como fruto dos movimentos negros, trazendo a necessidade de conhecer, estudar e trabalhar a temática racial no currículo escolar e na formação docente inicial e continuada buscando colaborar para a equidade e a diversidade étnico-racial.

3. CONCLUSÃO

A representação para a criança negra é tão importante como a de qualquer outra criança no processo de construção de sua identidade. Nas intuições é imprescindível a utilização e aquisição de elementos significativos referentes as diferentes etnias, para a autopercepção das crianças a respeito de sua autoimagem.

A literatura infantil deve apresentar os personagens negros em contextos diferenciados, de maneira positiva, como protagonista e com ilustrações bem delineadas. A “Lei n. 10639/2003 torna obrigatório o ensino da história e da cultura

afro-brasileira e africana em escolas do ensino fundamental até o ensino médio" (Martinhago, 2021, p. 126).

A legislação brasileira assegura o papel da escola no ensino da cultura afro-brasileira e africana com a lei 10.639, que está em vigor desde 2003, a Educação Infantil, responsabilidade municipal, deveria estar inserida em um projeto nacional de combate à exclusão e em favor de melhor uso de recursos destinados à educação.

Percebemos mudanças evidentes e positivas no comportamento das crianças, era visível o respeito entre eles nos momentos de interação dentro do ambiente escolar. Educação antirracista trata-se do que Davis (1981) menciona, não basta não ser racista, tem que ser antirracista. E a escola é um dos ambientes onde a iniciativa antirracista deve ser construída de forma contínua, pois é um ambiente de socialização, aprendizagem e, principalmente, de transformação.

REFERÊNCIAS

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. 1ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 2007.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**. Diário Oficial da União, 09 de janeiro de 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **A teoria como prática libertadora. In: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

MARTINHAGO, Ana Paula Galante (org.). **Educação emancipadora: perspectivas teóricas e práticas na diversidade**. 1ª ed. Campinas, SP: Apparte, 2021.

TEBET, Gabriela. **Desemaranhar as linhas da infância: elementos para uma cartografia. Infância e pós-estruturalismo.** Anete Abramowicz, Gabriela Tebet (org). São Paulo: Porto de Ideias, 2017.